

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL INGLESA E OS TRABALHADORES: UMA LEITURA THOMPSONIANA.

Carlos André Gomes Barbosa
Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão - PE
Graduando em História

Ana Paula Sobreira Bezerra
Professora da Universidade Federal de Pernambuco
Mestre

Glaudionor Gomes Barbosa
Professor da Universidade Federal de Pernambuco
Mestre - Doutorando

Resumo

O artigo tem como objetivo central discutir a revolução Industrial inglesa e suas conseqüências sobre a classe trabalhadora, incluindo-se os padrões de existência da mesma. Trata-se de uma pesquisa teórica e bibliográfica sobre material selecionado da obra *“A Formação da Classe Operária Inglesa”* do historiador marxista E. P. Thompson. A delimitação restrita do campo é parte da metodologia, ou seja, o trabalho é uma leitura thompsoniana de um grande processo da história humana. O trabalho discute as relações entre industrialização pioneira, trabalhadores industriais, trabalhadores rurais e condições de existência, evitando os lugares-comuns do economicismo hegemônico. Os resultados mais relevantes apontam a Revolução Industrial como um processo global e complexo que alterou substantivamente a vida das pessoas, contudo os homens e as mulheres do período estiveram longe de serem apenas vítimas passivas do progresso. Na verdade, foram sujeitos históricos representativos de uma época fundamental.

Palavras-chaves: Industrialização. Trabalhadores. Thompson.

1. Introdução

O objetivo central desse trabalho é investigar a relação entre a Revolução Industrial inglesa e os trabalhadores sobre a ótica do historiador inglês Edward Palmer Thompson. Trata-se de um recorte da obra *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Quanto à estruturação, o artigo é composto de cinco seções, incluindo essa introdução. A seção dois faz uma discussão sobre o que se denominou de inovações thompsonianas; na seção três é feita uma discussão sobre as relações fundamentais entre a Revolução Industrial e a classe trabalhadora; na seção quatro se discute as condições de vida da classe trabalhadora durante a industrialização inglesa; a seção cinco trata das considerações finais.

2. As inovações thompsonianas

Quando Thompson retorna ao século XVII, o faz consciente de que as formas de organização e luta dos trabalhadores industriais tinham raízes naquele período. No início da Revolução Industrial, a memória coletiva representou um formidável instrumento de resistência e luta contra a imposição opressiva do mercado capitalista. Os trabalhadores exigiam um modelo de comportamento social baseado numa economia moral, parte dela inclusive presente no *Livro de Ordens*, onde se obrigava os servidores da justiça à darem assistência e exercerem controle sobre os mercados para que houvesse a quantidade de alimentos (grãos, principalmente) suficientes para garantir a sobrevivência dos pobres, incluindo-se a fixação de preços extra-mercados. Em relação a esta questão é emblemática a citação de Thompson:

*Essa legislação de emergência foi sendo desmontada durante as guerras civis. Porém, a memória popular, especialmente em uma sociedade iletrada, é extraordinariamente ampla. Pouca dúvida existe de que há uma tradição direta que vem desde o **Livro de Ordens** de 1630 até os movimentos dos trabalhadores de confecção no leste e oeste da Inglaterra do século XVIII.*

É muito inovadora a visão thompsoniana de oposição às visões predominantes de que o povo, sendo inculto não conseguia entender as novas idéias e os novos procedimentos. Longe disso, pois os pobres não só entendiam como utilizavam práticas medievais contra os embriões de liberalismo econômico e de modernidade, porque essas eram as armas disponíveis. As idéias liberais foram sentidas pelos pobres não como elementos portadores de progresso e sim como um retrocesso nas condições de vida e nos direitos. Desse modo, práticas sócio-econômicas como as “*enclosures*” eram vistas como violação de direitos seculares. A liberdade comercial significava escassez e fome. Enfim, progresso e atraso não são categorias analíticas lineares. A análise de Thompson mostra-nos sempre uma relação dialética entre as inovações da economia capitalista de mercado e a economia moral tradicional. Os pobres eram tradicionais nas formas e revolucionários no conteúdo. Eram, de um modo próprio, efetivamente anticapitalistas. A verdade é que a não compreensão dessa dialética leva muitos a não entender a notável contribuição de Thompson.

A Revolução Industrial, a proliferação das fábricas “tenebrosas e satânicas”, a aglomeração das massas proletárias, pareciam aos contemporâneos do final do século XVIII e começo do XIX, como uma brutal alteração do “curso da natureza”. Temos daquela revolução imagens pictóricas terríveis:

Edifícios semelhantes a um quartel, grandes chaminés, as crianças das fábricas, os tamancos e xales, a aglomeração de habitação ao redor das indústrias como que geradas por elas (essa é uma imagem que induz a pensar antes na indústria, e depois nas pessoas que dependiam dela). Em parte, porque a tecelagem e as novas cidades industriais – pela rapidez do seu crescimento, engenhosidade das suas técnicas e

novidades ou dureza da sua disciplina – pareciam dramáticas e portentosas aos seus contemporâneos.

Segundo Thompson (2001) as diferentes experiências de organização da produção econômica no período 1790-1850, a concentração diferenciada dos trabalhadores e suas formas de experiências e resistências levaram muitos autores a pôr em dúvida o conceito de “Revolução Industrial”. Contudo, para o autor, é uma discussão irrelevante, pois a noção é útil para representar um período de rápidas e complexas transformações. Entretanto, é importante tomar as devidas precauções sobre a heterogeneidade do fenômeno. Tomando-se estes cuidados é correto afirmar que o período em estudo se caracterizou pela formação da classe operária inglesa. Esta classe de homens e mulheres não é um simples produto, muito menos um resíduo da Revolução Industrial, mas ingleses livres e herdeiros de importantes tradições de lutas. Assim, nosso autor afirma que “a classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada”.

3. A Revolução Industrial e a classe trabalhadora

A análise de Thompson leva ao entendimento de que este “fazer-se” da classe operária ocorreu num meio extremamente opressor, pois as verdadeiras condições daquela revolução foram catastróficas. Os trabalhadores sofreram duplamente, a saber, a exploração econômica e a opressão política. As relações entre os empresários e os trabalhadores tornaram-se mais impessoais e mais objetivamente econômicas, comparados com o regime de trabalho pré-industrial. A própria competição intercapitalista levou os capitães da indústria a atitudes cada vez mais desumanas. Os trabalhadores sentiram o aumento na intensidade do grau de exploração. Para esta classe de pessoas não faz o menor sentido a metáfora smithiana da “mão invisível”. Sobre ela caíram duas “mãos visíveis e pesadas”: a mão do patrão e a mão do Estado.

Aqui reside um fato importante, não considerado pela história econômica tradicional: os sofrimentos impostos pela nova disciplina dos “moinhos satânicos”, a monotonia das tarefas repetidas, a obediência e subordinação ao maquinismo, o dilaceramento dos laços familiares, a completa separação entre trabalho, natureza e lazer (trabalho na fábrica e lazer no bar ou na cama), as longas jornadas que tornavam a vida um “*continuum*” mecânico (trabalhar-comer-beber-dormir) não aparece nas estatísticas, ou porque são não quantificáveis, ou porque ninguém tentou quantificar.

Outra questão fundamental é que as principais lutas não se deram contra o aumento do “custo de vida”, mas diziam respeito a valores subjetivos e tradicionais como “justiça” ou “direitos costumeiros”. Trata-se, também aqui, do conhecido confronto, tão admiravelmente proposto e desenvolvido pelo autor, da economia moral contra a economia de mercado. Nas palavras de Thompson:

Os primeiros anos da década de 1830 foram marcados por agitações que levantaram questões nas quais os salários tinham importância secundária: os oleiros, contra o pagamento de salários em espécie; os trabalhadores têxteis, pela jornada de 10 horas; os trabalhadores na construção, pela cooperativa direta; todos os grupos de trabalhadores, pelo direito de formação de sindicatos. A grande greve na região mineradora do nordeste, em 1831, girou em torno da segurança do emprego, do pagamento em espécie nas vendas e do trabalho das crianças.

Aliás, o que mais oprimia o trabalhador da Revolução Industrial não eram, apenas, as condições estritamente econômicas dos salários baixos e do custo de vida alto. O maior constrangimento era o discurso moral e moralizante sobre o tempo – precioso e útil – que não podia ser desperdiçado. O tempo era (é) a substância do valor, e este passou a ser o objetivo máximo da produção humana. Produção não de “coisas” com sugere as aparências – reforçadas pela repetição obsessiva dos apologistas de ontem e de hoje – mas produção de valores, daí a necessidade de arrancar o máximo de tempo do trabalhador. Os homens e mulheres do início da aventura capitalista-industrial sentiram na própria alma a destrutividade das novas normas societárias. As séries estatísticas, também aqui, não conseguem captar a dimensão do sofrimento humano. O instrumento mais diabólico foram as máquinas do tempo, como bem formulou Edgar de Decca:

Introjetar um relógio moral no coração de cada trabalhador foi a primeira vitória da sociedade burguesa, e a fábrica apareceu desde logo como uma realidade estarecedora onde esse tempo útil encontrou o seu ambiente natural, sem que qualquer modificação tecnológica tivesse sido necessária. Foi através da porta da fábrica que o homem pobre, a partir do século XVIII, foi introduzido ao mundo burguês.

É muito comum se tentar entender a Revolução Industrial através da leitura dos economistas políticos clássicos, quando não se busca este entendimento por meio de meros propagandistas da ordem burguesa. É claro que os economistas clássicos são referências importantes, contudo são os trabalhos de Marx e Engels que melhor caracterizam a natureza daquele processo. Entretanto, a contribuição de Thompson acrescenta não um tijolo, mas um andar inteiro àquela construção. Como é habitual na abordagem thompsoniana há um resgate das idéias e das experiências dos próprios trabalhadores. Assim, em 1817, os trabalhadores em tecelagem de Leicester conseguiam perceber as crises cíclicas do capitalismo através de elementos de uma teoria do subconsumo que ficaria famosa pela reflexão teórica e empírica de Rosa Luxemburgo.

Que, na medida em que a redução dos salários trouxer miséria e desgraça à grande massa do povo, o consumo de manufaturados terá que decrescer na mesma proporção.

Que, se salários maiores fossem pagos aos operários em geral por todo o país, o consumo interno de nossos manufaturados cresceria imediatamente para mais do dobro, e, conseqüentemente, toda a mão-de-obra seria empregada.

Que, reduzir os salários dos operários neste país a um nível tão baixo que eles não possam viver do seu trabalho, para competir com fabricantes estrangeiros no mercado internacional, significa ganhar um cliente fora, e perder dois em casa...

Na verdade, os tecelões de Leicester estavam mostrando que menor nível de exploração, principalmente através da redução da jornada de trabalho, geraria mais emprego, mais renda e maior consumo interno. Apesar da clarividência de perceber um dos problemas cruciais do capitalismo – o problema da realização, numa linguagem marxista ou da demanda efetiva, numa linguagem keynesiana –, os trabalhadores não conseguiam enxergar que dados a competição intercapitalista e o baixo nível da tecnologia, naquela fase do desenvolvimento desse sistema, a exploração teria que se dar essencialmente pela brutal extração da mais-valia absoluta.

Thompson (2001) sempre evitando as homogeneizações simplificadoras e o “engano” das médias, argumenta que no período em questão, havia no campo inglês, quatro formas diferentes de relação entre trabalhadores e patrões:

(a) os trabalhadores de fazenda, contratados por um ano ou uma estação. Um grupo cuja relação laboral era caracterizada por maior segurança e menor independência. Era uma categoria que estava em declínio;

(b) um grupo de trabalhadores estáveis – nas grandes fazendas – empregada permanentemente. É importante destacar que estes não formavam um grupo homogêneo, ou seja, havia trabalhadores protegidos que eram mantidos em segurança, dando-se prioridade às suas mulheres e filhos nos trabalhos sazonais e num extremo inferior haviam jovens lavradores instalados e alimentados tão miseravelmente quanto quaisquer dos aprendizes pobres das fábricas;

(c) o terceiro grupo de trabalhadores casuais, pagos por dia ou por tarefa. Era composto por uma variedade de situações. Mulheres e crianças recebendo salários miseráveis, trabalhadores irlandeses migrantes e até trabalhadores industriais que iam ao campo, nas épocas de safras, atraídos pelos salários mais altos do período e trabalhadores qualificados remunerados por empreitada;

(d) especialistas de diferentes graus de qualificação, contratados por empreitadas. Aqui havia inúmeras práticas, além do instituto da subcontratação ou salários familiares encobertos.

De todo modo importa observar que também no campo a situação dos trabalhadores ingleses não tinha nada de idílica. A exploração e a opressão no campo eram altas e se acentuaram com os cercamentos.

Sobre os cercamentos é preciso que se diga que os mesmos eram defendidos, sempre, com argumentos sobre possíveis aumentos de renda e produtividade. Este processo, em grande medida, desencadeado por meios extra-econômicos esteve distante de representar melhorias de renda para os pobres, antes destruiu a economia de subsistência dos mesmos. Neste caso a aritmética das médias nunca é usada. Bastaria dividir a massa salarial paga pelo número de pobres (empregados, subempregados e desempregados). Mesmo retirando-se da população trabalhadora, os velhos e as crianças – metodologia adequada e modernamente comparável ao conceito de PEA – ver-se-ia que o salário *per capita* oscilava em torno do salário ricardiano de subsistência. Em alguns períodos – enquanto média teórica – os salários caíam abaixo do mínimo de sobrevivência. Se mais pobres não morriam de fome era graças ao auxílio paroquial e à contraditória “Lei dos pobres”.

Aos pobres era muito difícil, quase impossível oferecer prova de seus direitos contra tribunais formados pelos grandes proprietários e seus advogados. Aqueles que obtinham sucesso por meio de demanda judicial recebiam como recompensa um lote de terra de péssima qualidade de onde não era possível retirar a subsistência. Além do mais os custos do cercamento era proibitivo para os pobres. É nos seguintes termos que Thompson se expressa:

Os cercamentos (deixando-se de lado todos os artificios) representaram claramente um caso de roubo de classe, cometido de acordo com as regulamentações sobre a propriedade baixadas por um Parlamento de proprietários e advogados.

Muitas vezes o processo de cercamento das terras comunais é apresentado como fato da conjuntura ou da curta duração, quando o mesmo deve ser situado na estrutura e na longa duração. Segundo Thompson este fenômeno representou a culminância de um longo processo secular, onde as relações consuetudinárias dos homens com os meios de produção foram gradativamente corroídas. O desastre social foi profundo e acarretou sentimentos de desprovido e insegurança muito intensos. Assim se expressou um historiador econômico:

A apropriação de praticamente todas as terras ociosas comunais pelos proprietários legais para uso exclusivo significava a queda do anteparo que separava o crescente exército de trabalhadores da total proletarização. Sem dúvida, era um anteparo delgado e esqualido... mas era real, e privá-los dessa proteção sem apresentar uma compensação significava excluir os trabalhadores dos benefícios que somente o seu trabalho intensivo tornara possíveis.

Pode-se dizer que havia um duplo confronto: entre a economia de mercado e a economia moral; e entre relações de propriedade capitalista e as relações tradicionais e costumeiras dos pobres. O capitalismo venceu, mas não sem resistência e luta dos trabalhadores. Não sem manchar as mãos com o sangue dos pobres. Em verdade, pode-se afirmar, que a resistência dos trabalhadores ao

avanço das forças capitalistas, oscilou desde ameaças através de carta anônimas – recurso muito utilizado pelos pobres da época – até os atos de sabotagem, destruição de colheita e de máquinas, derrubamento de cercas e incêndios.

O avanço do capitalismo não podia deixar de gerar – como continua gerando até hoje, principalmente na periferia – marginalidade social. O problema é que os ressentimentos do trabalhador inglês não eram devidos apenas a situação material em que ele foi jogado, mas ao sentimento de perdas de direitos e a quase escravidão inconcebível para “*um inglês que nasceu livre*”. Thompson colocou a questão nos seguintes termos:

Durante estes anos, a relação de exploração foi intensificada a um ponto em que simplesmente se cortou o pagamento – estes trabalhadores indigentes terminavam por se tornar ladrões de hortas e de caça, parasitas de cervejarias e arruaceiros. Era mais fácil emigrar do que resistir, pois, para reforçar a relação de exploração, havia a repressão política.

Seria um imenso equívoco achar que os trabalhadores não sabiam porque estavam lutando ou que seus métodos de lutas não eram adequados. Além da exigência de um salário mínimo (em 1816, de 2 xelins diários), exigiam a fixação de tetos para os preços das principais mercadorias. Os trabalhadores tinham consciência de suas relações com os patrões e das relações entre salários, preços e lucros. As formas de luta incluíam motins por comida – pode-se chamar de uma economia moral do pão –, coletas compulsórias de dinheiro e destruição de máquinas agrícolas. A repressão foi violenta:

Incentivei os magistrados a montarem seus cavalos, recordava o vencedor de Waterloo, cada um à frente de seus próprios servidores e dependentes, cavaleiros, caçadores, guardas, armados de açoites, pistolas, armas de caça e o que puderem conseguir, e a atacarem juntos .. essas turbas, para dispersá-las, capturando e confinando aqueles que não conseguirem escapar.

Vale registrar que foi o novo ministério Whig e não Tory que aprovou o projeto de Lei de Reforma que acentuava a repressão, inclusive autorizando o envio de tropas especiais para combater e disseminar o terror contra os trabalhadores rebelados.

4. Industrialização e condições de vida dos trabalhadores

Para além das diversas e imperfeitas estatísticas agregadas, Thompson (2001) prefere investigar o que ocorreu efetivamente com o padrão de consumo dos trabalhadores, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. Assim, a cesta de consumo era formada basicamente por cereais,

carne, batatas, cerveja, açúcar e chá. Enquanto o consumo *per capita* de trigo declinou desde o final do século XVIII e nas quatro primeiras décadas do século XIX, o uso da batata foi incrementado. O esforço das autoridades e das elites (incluindo as eclesiásticas) para que os trabalhadores substituíssem o pão pela batata foi intenso. A resistência dos pobres foi tão forte que recebeu o nome de “batalha do pão”. Aquele esforço de substituição visava claramente reduzir os custos com a força de trabalho. Thompson (2001) argumenta que Salaman *chegou a considerar a batata como um estabilizador social ainda mais efetivo do que o representado pelo metodismo na opinião de Haléry:*

... o uso da batata .. permitiu, de fato, a sobrevivência dos trabalhadores com os mais baixos salários. Dessa forma, pode-se supor que a batata serviu para prolongar e estimular por mais cem anos o empobrecimento e a degradação das massas inglesas. Naturalmente, não havia alternativa, a não ser uma revolução sangrenta. O fato da Inglaterra ter escapado a uma sublevação violenta, nas primeiras décadas do século 19 ... deve ser creditado, em boa parte, à batata.

A cerveja era outro componente essencial da dieta dos trabalhadores. Seu consumo sofreu queda, principalmente entre os anos de 1800 e 1830, enquanto o consumo de chá e açúcar se elevava. Na luta em defesa da cerveja e contra o imposto sobre o malte se colocou inclusive um magistrado eclesiástico:

Sairia satisfeito (o trabalhador) para o seu dia de trabalho, desempenhando-o com vigor varonil e alegria, e se tornaria mais afeiçoado à sua casa, à sua família e, acima de tudo, a seu país, por lhe permitir que compartilhasse uma bebida simples e saudável com seus superiores. Na realidade, os pobres desejam-na mais do que qualquer outra coisa que o Parlamento Britânico lhes poderia conceder.

Depois que o chá se impôs e substituiu a cerveja, os problemas não foram menores, na medida em que para muitos trabalhadores e suas famílias tornou-se impossível adquirir o produto:

Por volta de 1830, o chá já era considerado uma necessidade: as famílias pobres demais para adquiri-lo pediam a seus vizinhos as folhas usadas, ou então simulavam a sua cor, despejando água fervente sobre a casca de pão queimado.

Mesmo versões mais otimistas quanto aos resultados da Revolução Industrial sobre a vida das pessoas comuns apontam problemas:

O Porto envelhecido dos operários não será como aquele dos clubes mais exclusivos (Accum demonstrou que o muito ‘velho Porto com incrustações’ posto à venda pelos comerciantes londrinos não passava de um Porto novo ‘adaptado’ com supertártaro de potássio). A idéia de um consumo universal e ‘democrático’ não é, portanto, sem importância, do ponto de vista cultural além de evidentemente econômico.

Bezerra e Barbosa (2008) argumentam que o processo de industrialização necessitou de uma demanda crescente, capaz de sustentar uma oferta cada vez mais crescente, daí o surgimento de uma ideologia de “democratização do consumo”. Contudo, esse avanço relativo não se verificou sem contradições. Além dos produtos de qualidade inferior e/ou falsificados. Sempre houve tentativas de fazer os trabalhadores voltarem a consumir uma cesta mais barata. A lógica de que era sempre possível reduzir o valor da força de trabalho, ou seja, de baratear o capital variável acompanhou a história do capitalismo desde seu nascimento. Se houve aumento de salários isto foi resultante do poder sindical e não do mero funcionamento de um abstrato mercado de trabalho.

A questão habitacional sofreu diversas mutações durante a Revolução Industrial. As casas construídas nas novas cidades industriais eram, em geral, melhores do que aquelas existentes no campo, onde predominava casas de cômodo único e extremamente úmidas. Entretanto, com o avanço da “urbanização” as condições gerais de vida das famílias trabalhadoras eram cada vez piores:

Na medida em que as novas cidades industriais envelheciam, multiplicavam-se os problemas de abastecimento de água, saneamento, superpopulação, além dos gerados pelo uso de casas para serviços industriais, culminando com as estarrecedoras condições reveladas pelas investigações sobre moradia e condições sanitárias, na década de 1840. Essas condições, ns vilas rurais ou nas cidades têxteis, eram, provavelmente, tão precárias quanto em Preston ou em Leeds, mas a dimensão do problema era certamente maior nas grandes cidades, pela facilidade de proliferação de epidemias.

É difícil dizer em que aspecto a Revolução Industrial afetou mais negativamente a vida das famílias pobres. Se a “vitória da batata” destruindo padrões alimentares tradicionais significou um eficiente “estabilizador” dos custos salariais para a expansão capitalista, significou também uma piora no bem-estar material e “moral” dos mais pobres. Entretanto, parece que a degradação do ambiente (arquitetônico e social) urbano foi o resultado mais catastrófico da industrialização. Segundo Thompson:

Os habitantes das cidades industriais tinham freqüentemente de suportar o mau cheiro do lixo industrial e dos esgotos a céu aberto, enquanto seus filhos brincavam entre detritos e montes de esterco. Na verdade, alguns desses fatos persistem ainda hoje, no panorama industrial do norte e da região central da Inglaterra.

Uma argumentação fortemente “ideologizada” é aquela que afirma não ser culpa dos grandes capitalistas as condições desumanas de moradia naquele período histórico, pois algumas das piores construções eram obras de pequenos empreiteiros, comerciantes inescrupulosos e até (pasmem!) de

trabalhadores autônomos. Para outros a culpa era exclusiva do capital usurário. Certamente isso aconteceu, ou seja, o pequeno (e mesquinho) capital deve ter se beneficiado do contexto sócio-econômico para ganhar dinheiro. Na verdade, a impessoalidade do capitalismo é uma de suas fortes características. Entretanto, não interessa se foi John ou James que ficou rico construindo ou alugando “pequenas caixas de argamassa” onde se amontoava o “gado” humano que produziu e sofreu a gênese do capitalismo industrial. Interessa compreender um sistema que gera, estimula, justifica e elogia aquele tipo de “empreendedorismo”.

Outra questão é que mesmo entre os trabalhadores havia diferenciação, de maneira que alguns bairros londrinos e algumas cidades inglesas conseguiam apresentar resultados mais desastrosos que outros:

Nos distritos têxteis e nas cidades mais procuradas pelos imigrantes irlandeses – Liverpool, Manchester, Leeds, Preston, Bolton e Bradford – encontravam-se os mais atrozes indícios de deterioração – superlotação, moradias em porões e uma imundície indescritível.

Deve-se concordar com Thompson quando fala de segregação social. Isto é, os pobres foram isolados em seus ambientes insalubres e fétidos, enquanto as classes abastadas ou medianamente abastadas procuravam o conforto e a tranquilidade do campo:

Todas as classes, à exceção dos artesãos e dos encarregados de oficinas, foram atraídas pelo conforto e pelo isolamento do campo. Os advogados, os industriais, os comerciantes de alimentos e de tecidos, os sapateiros e os alfaiates fixaram suas imponentes residências em localidades aprazíveis...

Não há melhor prova das péssimas condições de moradias dos trabalhadores industriais do que o fato de que todos os que dispunham de condições financeiras migrarem para uma distância conveniente. A sensibilidade olfativa dos ricos determinava a distância que deveria ser mantida em relação às moradias dos pobres.

Holland citado por Thompson diz que “os ricos preferiam evitar os pobres e só os reconheciam quando sua atenção era atraída pelo aspecto dos vadios, mendigos e delinqüentes”. Qualquer semelhança com os atuais ricos – e mesmo os remediados das classes médias – do capitalismo globalizado quando pretende fornecer poderes extraordinários para agentes do Estado e mesmo “exércitos particulares” subirem os morros matando pobres – sejam ou não bandidos – não é mera coincidência. Este sistema possui leis imutáveis.

5. Considerações finais

Pode-se perceber que se de um lado, a Revolução Industrial se impôs como um processo inevitável, de outro a resistência dos trabalhadores – por meios que muitos julgam como atrasados, como carta ameaçadoras aos ricos, solicitações às autoridades, motins do pão, recolhimento compulsório de dinheiro, destruição de safras agrícolas, quebra de máquinas e derrubamento de cercas, entre outros – foi imediata. Os pobres não foram vítimas passivas, pois lutaram. Se o fizeram com determinadas armas foi porque eram as disponíveis.

Thompson mostrou que as condições sob as quais os trabalhadores vivenciaram a industrialização pioneira foram duríssimas, tanto do ponto de vista da exploração econômica e da opressão política, quanto pela perda de direitos costumeiros.

Thompson, também, mostra toda a violência exercida contra os trabalhadores pelo processo de cercamentos dos campos. Não só pela perda de direitos seculares no uso de terras comunais, que auxiliava bastante a sobrevivência dos pobres, mas pelo aumento da pobreza e pela transformação dessas pessoas em mão-de-obra barata e disponível à industrialização.

Do ponto de vista de Thompson as condições de vida – incluindo consumo, habitação, meio ambiente, saúde e condições sanitárias – pioraram durante a Revolução Industrial. Não se trata apenas de trabalhar com algum conceito de pobreza absoluta, mas trata-se de investigar outros elementos, tais como: pertencimento comunitário, direitos consuetudinários, relacionamento trabalho-natureza-lazer e alimentação tradicional.

Notas